

04 SET 1994

O confuso e o otimismo

CORREIO BRAZILIENSE
Glúcia Pericelli

Paulo Pestana

O PT passou a semana tentando colocar seu bloco na rua. "O povo na rua ganha a eleição", anunciou o programa do horário eleitoral gratuito, enquanto Fernando Henrique manteve o discurso de otimista profissional.

"A vida está melhorando", comemora o programa tucano, enquanto o PT ficou sem saber se fala bem ou mal da moeda. Ficou em cima do muro e se perdeu na indecisão. Começou a semana com um discurso ambíguo, querendo apoiar a moeda e malhando o plano, se esquecendo que é tudo uma coisa só.

Brizola assumiu o discurso de bater na moeda, dizendo que é mais uma enganação, que o Brasil já viu este filme. É um discurso coerente. As pesquisas recomendam que não se fale mal da moeda, mas passou boa parte da semana dizendo que as pesquisas estão erradas e que os institutos estão formando um cartel ao lado de emissoras de televisão.

Brizola abusou: mostrou imagens de 1986, quando combateu o Cruzado, se esquecendo que aquele plano, apesar do fiasco, ainda provoca boas memórias no eleitor. Bom, mas isto é para quem acredita em pesquisa.

Esperidião Amin e Orestes Quêrcia passaram o tempo dizendo que torcem para o realdar certo. Disse Quêrcia: "Ninguém mais do que eu quer que o real dê certo". O candidato do PPR arrematou com um **slogan**: "Esperidião Amin é o real para sempre".

Fernando Henrique faz questão de não entregar a rapadura para ninguém. O plano é dele. "O real vai continuar. Os preços nos supermercados estão parados ou caindo".

Amin perguntou por que o plano não foi feito antes, em junho do ano passado. Fernando Henrique garantiu que "não deixaram. Foi difícil colocar a casa em ordem, muita gente se opôs, partidos, parlamentares", reclamou sem citar nomes.

Quêrcia preferiu falar em firmeza. Insistindo que os governos são

fracos e ele forte, defendeu o controle de preços pelo governo, promessa que soa como música para os ouvidos populares. Ainda encontrou tempo para pedir 12% de reajuste para todos os trabalhadores, escrevendo uma carta que Itamar Franco não leu.

O PT ainda está com problemas de personalidade. Melhorou o programa mas ainda não sabe como conquistar os eleitores que perdeu para Fernando Henrique. Atira para vários lados, mas ainda sem muita convicção. Passou a semana procurando um novo discurso que só chegou na sexta-feira.

É óbvio que haverá a exploração da, digamos, indiscrição do ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, na primeira conversa com parente transmitida via Embratel. Pode ser o mote que o PT precisava para incendiar a militância.

Brizola se fez de vítima. "Tudo fizeram para me destruir", disse. "Prejudicaram a imagem do Rio, exageraram na violência

do Rio de Janeiro e esconderam a dos outros Estados", acusou.

No mesmo programa culpou a ditadura por ter desencadeado a violência, sem explicar muito bem porque. E, como habitual, sobrou para a TV Globo, que, segundo ele, apresentou "1180 crimes e atos de violência em uma semana, 15% dos quais no horário infantil".

A novidade foi a apresentação do novo candidato do PRN, Carlos Gomes, que chegou para defender Fernando Collor e se apresenta como mais um não-político a disputar uma eleição. Um discurso gasto que tem em Enéas e no Almirante Fortuna seus próceres.

Esta semana tinha tudo para ser o início do que os publicitários e marketeiros gostam de chamar de "barriga", aquela fase em que ninguém se interessa mais pelo programa eleitoral, e que dura até próximo da eleição. Mas com a confissão que o Ministro fez e que provavelmente não tinha feito nem mesmo para os frades do Mosteiro de São Bento.